REME • Rev Min Enferm. 2026;30:e-1605
DOI: 10.35699/2316-9389.2026.65606

EDITORIAL

A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA EM ENFERMAGEM NA NOVA ECOLOGIA DO CONHECIMENTO

La comunicación científica en enfermería en la nueva ecología del conocimiento

João Paulo Souza[1]
https://orcid.org/000-0002-2288-4244

Joanita Aparecida de Barros[1]
https://orcid.org/0009-0004-6247-1438

Carmen Verônica Abdala[1]
https://orcid.org/0000-0002-9236-2978

[1]Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde – BIREME/OPAS. Brasil.

Autor Correspondente: João Paulo Souza
***E-mail*:** souzaj@paho.org

Contribuições dos autores:
Conceitualização: João Paulo Souza, Joanita Aparecida de Barros, Carmen Verônica Mendes Abdala; ***Redação - Preparo do Original:*** João Paulo Souza; ***Redação - Revisão e Edição:*** João Paulo Souza, Joanita Aparecida de Barros, Carmen Veronica Mendes Abdala; ***Supervisão:*** João Paulo Souza; ***Validação:*** Joao Paulo Souza, Joanita Aparecida de Barros, Carmen Verônica Mendes Abdala.

Fomento: não houve financiamento.

Submetido em: 09/04/2026
Aprovado em: 14/06/2026

Editores Responsáveis:

Tânia Couto Machado Chianca
https://orcid.org/0000-0002-8313-2791

Como citar este artigo:
Souza JP, Barros JA, Abadala CV. A comunicação científica em enfermagem na nova ecologia do conhecimento [Editorial]. Rev Min Enferm [Internet]. 2026[citado em ____ ___ __];30:e-1605. Disponível em: https://doi.org/10.35699/2316-9389.2026.65606

Vinte anos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Enfermagem! Ao longo de duas décadas, enfermeiros, pesquisadores, docentes e profissionais da informação de toda a América Latina

e do Caribe construíram, alimentaram e renovaram essa biblioteca digital, parte do ecossistema informacional da BVS. Essa trajetória merece ser celebrada. Contudo, celebrar não significa apenas contemplar: trata-se também de um momento de inflexão histórica que nos convoca à ação. A transformação digital acelerada, a emergência climática e a crescente complexidade do cuidado, imposta pelo envelhecimento populacional e dupla carga de doenças transmissíveis e crônicas reconfiguram simultaneamente o ecossistema do conhecimento e a prática da Enfermagem. Tudo isso em um contexto de polarização política e geopolítica crescentes, que tornam o papel da Enfermagem ainda mais estratégico[1].

O modelo clássico de comunicação científica historicamente se mostrou excludente para a América Latina: a invisibilidade da produção regional, as barreiras linguísticas e a dependência de plataformas do norte global relegaram grande parte do conhecimento produzido na região a uma circulação restrita. Iniciativas como a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a própria BVS surgiram em resposta a esse diagnóstico. Ao longo de duas décadas, a BVS Enfermagem consolidou uma governança cooperativa, padrões bibliográficos compartilhados e uma identidade coletiva para a Enfermagem na América Latina e no Caribe. Esse alicerce constitui o ponto de partida para enfrentar uma etapa ainda mais complexa e urgente.

A ruptura digital e a nova ecologia do conhecimento

Com a inteligência artificial (IA), a transformação digital deixou de ser incremental: passou a alterar a escala, a velocidade, os modos de interação e os processos de produção do conhecimento. Sua face mais visível, a IA generativa, gerou uma ruptura na comunicação científica por meio da produção textual assistida, a síntese automática de evidências, a tradução automática neural e a interação conversacional com bases de dados. Esses fatores transformaram a forma como o conhecimento científico é produzido, circulado e consumido[2,3].

A comunicação científica exige atenção específica. Diferentemente da literatura ou da escrita criativa, o texto científico é essencialmente utilitário e visa comunicar achados, propor ideias e promover o debate entre pares. Embora essa atividade exija rigor expositivo e precisão conceitual, ela não possui finalidade artística intrínseca, o que a torna suscetível à semiautomação. Neste contexto, IA generativa surge não como um substituto do pensamento científico, mas um acelerador da sua expressão escrita[2].

Um paralelo pode ser traçado com a aritmética. Durante séculos, calcular com precisão foi uma competência central e laboriosa para cientistas e acadêmicos. A calculadora não eliminou a necessidade do raciocínio quantitativo, mas libertou o pensamento humano do trabalho mecânico do cálculo, permitindo que a energia intelectual se voltasse a problemas de ordem superior. Processo análogo ocorre atualmente com a escrita científica. Assim como as calculadoras e as planilhas digitais foram amplamente adotadas sem que isso representasse o fim do pensamento matemático, é razoável esperar que a comunidade científica incorpore rapidamente ferramentas de IA generativa à sua prática e como infraestrutura para acelerar a sua comunicação[2,3]. Atualmente, os modelos de linguagem são capazes de gerar um primeiro rascunho consistente, acelerando significativamente a produção textual. No entanto, para que o resultado supere o genérico e incorpore o julgamento do pesquisador, a qualidade depende das instruções (i.e., *prompts*) fornecidas à IA, e a revisão do texto gerado, que mantém a autoria e a responsabilidade intelectual e ética do material.

Esse processo redefine o desafio central da comunicação científica: antes o problema era a dificuldade de produzir textos e acessar fontes, agora é a abundância. Neste ambiente de inflação textual, a qualidade e o rigor tornam-se os ativos mais valiosos[2,3]. Simultaneamente, a tradução automática começa a reduzir as assimetrias linguísticas que historicamente marginalizavam a produção em espanhol e português, abrindo novas possibilidades de circulação regional e cooperação Sul-Sul. A ciência aberta avança como arquitetura institucional, com seus princípios de acesso universal, dados abertos, transparência e interoperabilidade, propondo novos parâmetros para a comunicação científica, ainda que sua adoção plena permaneça desigual entre países e instituições.

A enfermagem na nova ecologia: riscos e oportunidades

A Enfermagem é, por excelência, uma profissão intensiva em conhecimento[4]. Sua centralidade na atenção primária, produção científica e a relação entre cuidado clínico e gestão dos sistemas de saúde a posicionam de modo singular nessa nova ecologia. Contudo, os riscos, não devem ser minimizados. A inflação textual impulsionada por IA vem gerando produção superficial que simula rigor sem sustentá-lo[2]. A dependência de plataformas privadas pode reproduzir, em nova roupagem, as mesmas assimetrias que a BVS foi criada para superar.

A transformação da profissão avança em paralelo. A digitalização do cuidado, os protocolos assistidos por IA e o surgimento de novos papéis clínicos reconfiguram competências e o mercado de trabalho[4]. Nesse contexto, a comunicação científica destaca-se como estratégia profissional; produzir evidência significa definir agendas, influenciar políticas e fortalecer a autonomia da profissão, ainda mais num contexto de expansão das práticas avançadas em Enfermagem. Essas práticas representam uma possibilidade significativa de ampliação e qualificação do cuidado, desde que fundamentadas no compartilhamento de responsabilidades, na autonomia e no empoderamento profissional, e não como mera transferência ou delegação de tarefas, o que reproduziria hierarquias tradicionais. A formação nesta nova ecologia de conhecimento exige letramento, uso crítico de IA e compreensão dos mecanismos que determinam a visibilidade do conhecimento[3].

IA agêntica, robótica e a nova agenda científica

Além da IA generativa, um horizonte ainda mais disruptivo se aproxima: a IA agêntica e sua convergência com a robótica[5]. Sistemas capazes de decompor objetivos, orquestrar ferramentas autonomamente e executar tarefas físicas representam uma mudança de natureza—e não apenas de grau—no papel das tecnologias no cuidado[5]. Entre as aplicações potenciais na Enfermagem, destaca-se a logística hospitalar (e.g., transporte automatizado de medicamentos e materiais entre unidades), o monitoramento inteligente (e.g., alertas preditivos de deterioração clínica baseados em sinais vitais aferidos por equipamentos vestíveis), o apoio à mobilização de pacientes (e.g., exoesqueletos robóticos para pessoas com mobilidade reduzida) e a automação de tarefas padronizadas (e.g., preparo e conferência de doses de medicamentos)[5]. O resultado esperado é a redistribuição do julgamento clínico, ou seja, ao automatizar funções repetitivas, libera-se espaço para o raciocínio clínico, a empatia e a decisão ética[5]. Esse cenário exige uma nova agenda científica: avaliação de tecnologias, protocolos de interação humano-máquina, pesquisa em segurança do paciente e governança da automação[5].

Os próximos vinte anos: soberania, qualidade e protagonismo

Quem moldará a nova arquitetura do conhecimento? A profissão adotará passivamente tecnologias definidas externamente, ou produzirá evidências para moldar sua própria governança? As respostas dependem de escolhas institucionais, investimentos em infraestrutura pública e formação de profissionais críticos e tecnologicamente competentes[4]. A BVS Enfermagem tem papel central nessa construção, ao evoluir de biblioteca digital para

infraestrutura inteligente, busca semântica, síntese automatizada, comunicação científica multimodal. A internacionalização estratégica, com multilinguismo e cooperação Sul-Sul, constitui condição essencial para que o conhecimento regional alcance quem dele necessita.

Na abundância gerada pela IA, a curadoria e o rigor tornam-se diferenciais insubstituíveis[3]. As instituições de ensino têm responsabilidade central na formação crítica e de uma cultura de integridade científica capaz de resistir às pressões da velocidade e da superficialidade. A governança, da integridade à transparência algorítmica, deve ser tratada como bem comum, não como externalidade[5].

Conclusão

Estamos migrando de um sistema editorial centrado no artigo científico para um ecossistema digital inteligente. Essa transição representa, simultaneamente, ameaça e oportunidade histórica. A Enfermagem da América Latina e do Caribe dispõe das condições intelectuais, institucionais e políticas para ocupar posição estratégica nessa nova ecologia do conhecimento[1,4]—e a BVS Enfermagem constitui parte constitutiva dessa construção coletiva. Os vinte anos de trabalho não são apenas um legado a celebrar: representam o ponto de partida para o protagonismo de que a América Latina e o Caribe necessitam e que a profissão merece.

Agradecimentos

A BVS é um ecossistema informacional colaborativo desenvolvido e mantido pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME/OPAS), em cooperação com instituições e redes de saúde das Américas; a BVS Enfermagem é sua expressão temática voltada à enfermagem. Ao longo de duas décadas, enfermeiros, pesquisadores, docentes e profissionais da informação de toda a América Latina e do Caribe deram sentido e substância a essa biblioteca temática. É a esse trabalho coletivo, em grande parte anônimo, que os autores expressam seu mais sincero reconhecimento. Os autores também agradecem a Ana Priscila Eleodoro Rosa pela leitura crítica em versões preliminares deste artigo.

Os autores são funcionários da Organização Pan-Americana da Saúde. Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões expressas nesta publicação, que não representam necessariamente as decisões ou políticas da OPAS/OMS

Declaração de uso de IA generativa*:*

Ferramentas de Inteligência Artificial (IA) foram utilizadas como apoio ao processo de redação. Os autores assumem total responsabilidade pelo conteúdo do manuscrito.

Referências

1. Pan American Health Organization. Health in the Americas: accelerating disease elimination[Internet]. Washington, DC: PAHO; 2024. [citado em 2026 abr. 01] Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/61689

2. Salvagno M, Taccone FS, Gerli AG. Can artificial intelligence help for scientific writing? Crit Care [Internet]. 2023 [citado em 2026 abr. 01];27(1):75. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13054-023-04380-2

3. Thirunavukarasu AJ, Ting DSJ, Elangovan K, Gutierrez L, Tan TF, Ting DSW. Large language models in medicine. Nat Med [Internet]. 2023[citado em 2026 abr. 01];29 (8):1930-40. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41591-023-02448-8

4. World Health Organization. State of the world's nursing 2020: investing in education, jobs and leadership [Internet]. Geneva: WHO; 2020 [citado em 2026 abr. 01]. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240003279

5. O'Connor S, Yan Y, Thilo FJS, Felzmann H, Dowding D, Lee JJ. Artificial intelligence in nursing and midwifery: a systematic review. J Clin Nurs [Internet]. 2023 [citado em 2026 abr. 01];32(13-14):2951–68. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jocn.16478